

## A relação entre repertório e representação: uma observação a partir de exercícios sobre menstruação.

*La relación entre repertorio y representación: una observación a partir de ejercicios sobre menstruación.*

*The relations between repertoire and representation: an observation through exercises about menstruation.*

Bianca Simões Pinho, Roberta Portas

repertório, representação, design, menstruação

Este artigo apresenta um exercício desenvolvido com o objetivo de observar a relação entre designers, seus repertórios e escolhas representacionais. Em um grupo focal, aplicamos três exercícios (Kent, Steward, 2023), que estimulavam a observação individual, o compartilhamento coletivo e a criação de composições visuais, centrados no tema da menstruação. A análise dos materiais nos permitiu observar repertórios subjetivos e coletivos refletidos em percepções sobre a menstruação. Os exercícios evidenciaram como diferentes esferas de pertença (Jodelet, 2009) podem ser trabalhadas em espaços de ensino e como atividades que promovem a auto-observação contribuem para o reconhecimento dos quadros de referência (Cross, 2006) e a ampliação do repertório dos estudantes de design.

*repertorio, representación, design, menstruación*

*Este artículo presenta un ejercicio desarrollado con el objetivo de observar la relación entre diseñadores, sus repertorios y elecciones representacionales. En un grupo focal, aplicamos tres ejercicios (Kent, Steward, 2023) que estimulaban la observación individual, el intercambio colectivo y la creación de composiciones visuales, centradas en el tema de la menstruación. El análisis de los materiales producidos nos permitió observar repertorios subjetivos y colectivos, reflejados en percepciones sobre la menstruación. Los ejercicios evidenciaron cómo diferentes esferas de pertenencia (Jodelet, 2009) pueden trabajarse en espacios de aprendizaje, y que actividades que promueven la autoobservación contribuyen al reconocimiento de los marcos de referencia (Cross, 2006) y a la ampliación del repertorio.*

*repertoire, representation, design, menstruation*

*This article presents an exercise developed to observe the relationship between designers, their repertoires, and representational choices. In a focus group, we applied three exercises (Kent, Steward, 2023) that encouraged individual observation, collective sharing, and the creation of visual compositions, all centered on the theme of menstruation. The analysis of the materials allowed us to observe both subjective and collective repertoires, reflected in perceptions about menstruation. The exercises demonstrated how different spheres of belonging (Jodelet, 2009) can be explored in educational settings, and how activities that promote self-observation contribute to the recognition of reference frames (Cross, 2006) and the expansion of design students' repertoires.*

## 1 Introdução

Este artigo surgiu a partir de uma atividade desenvolvida em uma disciplina do programa de pós-graduação em design da PUC-Rio, com a proposta de ser uma primeira observação do objeto de pesquisa de mestrado, na qual estudamos a relação entre o designer em formação e o seu repertório. Dessa forma, propomos a aplicação de um exercício reflexivo para melhor compreensão de como essa relação pode ser aproveitada e discutida dentro dos contextos de ensino e aprendizado (Cross, 2006).

No exercício narrado neste artigo possuíamos o interesse em observar como designers mobilizam experiências pessoais e repertório cultural para o desenvolvimento de composições visuais, e se – e, possivelmente, como – eles se relacionariam com as escolhas simbólicas e representacionais. Podemos dizer, então, que nosso objetivo foi observar a interação entre o repertório “pessoal” e “coletivo” de designers na criação de composições visuais. Nossa intenção era estimular a compreensão do designer sobre seu “quadro referencial” (Cross, 2006, p. 85) e a interação com outras referências, prática que entendemos possuir potencial para a promoção da reflexão crítica e autopercepção no processo de aprendizagem (hooks, 2024).

Adotamos grupo focal como técnica de investigação por possibilitar a reflexão partir do compartilhamento de experiências. As atividades aplicadas foram baseadas e adaptadas das práticas pedagógicas de Corita Kent (2023), uma vez que muitas são voltadas para o estímulo da experimentação a partir do repertório e vivências pessoais (Kent; Steward, 2023).

Após a definição do exercício, era necessário a escolha de um tema sobre o qual os participantes poderiam refletir sobre seu repertório e compartilhar experiências. Por isso, definimos menstruação como tema. Além do assunto ter sido tema de investigação de uma das autoras anteriormente, a menstruação é uma experiência que engloba aspectos tanto subjetivos quanto coletivos. Ademais, suas representações são inúmeras, variando de acordo com contexto cultural e, frequentemente, não condizem com a realidade vivida pelas mulheres por ainda ser considerada um tabu (Pinho, Tayt-Son, 2021).

Em suma, apresentamos neste artigo exercícios desenvolvidos em um grupo focal com a temática menstruação, cujo objetivo foi observar a relação entre designers, seus repertórios e suas escolhas representacionais. Nos próximos tópicos, abordaremos o referencial teórico da pesquisa, a metodologia e discussão dos resultados obtidos.

## 2 Referencial teórico

### Repertório e representação

Podemos definir que repertório é uma “rede” ou coleção de saberes diversos (Kent, Steward, 2023; INEP, 2024) que interage entre si e com novos conhecimentos aprendidos, formando novas relações e percepções que contribuem para o desenvolvimento do pensamento criativo (Kent; Steward, 2023). Solucionar um problema de design é um processo contínuo de uso desse repertório, a partir das interações e combinações de perspectivas, chamado por Cross (2006, p. 85) de “*appositional thinking*”. Segundo o autor, a justaposição de ideias para gerar novas perspectivas é o que estrutura a “ponte entre o problema e a solução” (Dorst, Cross, 2001, p.13). Dessa forma, exercitar a percepção sobre seu repertório e sua reelaboração ativa deve ser tarefa contínua do designer ao projetar.

No livro *Aprender de Coração: práticas para libertar o espírito criativo*, as autoras narram o episódio em que Corita Kent (2023) solicita que seus alunos pesquisem sobre um estilo de decoração que gostariam de ter em suas casas. Uma estudante afirmava gostar do estilo colonial, até perceber que armamentos faziam parte da decoração. Corita afirma: “Então ela se deu conta de que a vida vivida tinha muito a ver com a aparência de uma casa” (Kent, Steward, 2023, p. 56). Esse episódio demonstra como o significado atribuído a um determinado objeto depende tanto do sentido carregado por ele, quanto das vivências e contexto da pessoa que o interpreta (Cardoso, 2013).

Compreender a relação entre o repertório e as formas de representação nos permite entender que o designer não está isento ou neutro nas construções de narrativas (Souza et al, 2016). A massificação de informações característica da contemporaneidade pode transmitir a falsa sensação de imparcialidade ou de despersonalização na produção de conteúdos de comunicação (Souza et al, 2016). Entretanto, sentidos são produzidos a partir das representações, que estruturam a percepção da realidade através de códigos (Hall, 2016), o que faz com que designers sejam produtores de significados a partir de suas escolhas representacionais (Hall, 2016; Jodelet, 2009; Forty, 2007).

Pessoas pertencem a uma mesma cultura quando produzem significados e interpretam o mundo de forma análoga (Hall, 2016; Jodelet, 2009). Contudo, mesmo dentro de uma cultura, podem existir diferentes percepções, porque “Em se tratando de sua gênese e funções, as representações sociais podem ser relacionadas a três esferas de pertença: a da subjetividade, a da intersubjetividade e a da transubjetividade” (Jodelet, p. 18, 2009).

A esfera da subjetividade considera processos que acontecem pela interação do indivíduo com si próprio, de natureza corporal, cognitiva e emocional. A intersubjetividade remete às representações que surgem em contextos de interação entre pessoas, estabelecidas pela “comunicação verbal direta (...) e pela troca dialógica” em torno de um objeto ou interesse comum (Jodelet, 2009, p. 19).

A última, a esfera da transubjetividade, remete aos significados compartilhados entre os membros de um coletivo, que se aproxima ao sentido de “mapas conceituais” de Hall (2016) e

depende das relações sociais e de poder: “(...) remete ao espaço social e público onde circulam as representações provenientes de fontes diversas: a difusão pelos meios de comunicação (...), os contextos impostos pelos funcionamentos institucionais, as hegemonias ideológicas etc” (Jodelet, 2009, p. 21).

Não é incomum que designers – principalmente aqueles com menos experiência – se fixem a determinado “quadro de referencias” (FR) padrão ou conhecido (Cross, 2006, p. 85), gerando soluções, muitas vezes, triviais, estereotipadas ou discriminantes (Hall, 2016; Forty, 2007). Um exemplo é a maneira como mulheres e a menstruação, tema central do grupo focal desta pesquisa, foram repetidamente representadas na publicidade de maneiras fantasiosas, não condizentes com a realidade das mulheres, que fortaleciam narrativas de exploração e papel de gênero (Pinho, Tayt-Son, 2023).

Contestar as escolhas em um projeto a partir da diversidade de perspectivas e do diálogo crítico sobre as formas representacionais utilizadas é um dos caminhos para a criação e transformação de significados na sociedade (Hall, 2016; hooks, 2024). Para que o FR (quadro de referência) inicial seja quebrado, é necessário que o projetista perceba a fixação e atue ativamente para se conectar a um novo conjunto de referencial. Isso pode ser feito tanto a partir da compreensão das esferas de pertença das representações (Jodelet, 2009), quanto no próprio exercício projetual, a partir da identificação de “um meio representacional apropriado (permitindo as explorações), uma meta de design (que vá além daquelas alcançáveis dentro dos FRs anteriores) e um conjunto de procedimentos consistentes” (Cross, 2006, p. 85).

Cross (2006) também afirma que designers experientes tendem a explorar diferentes alternativas de soluções e conceitos, o que os ajuda a lapidar sua compreensão sobre o problema. De maneira simplificada, desenvolver uma solução satisfatória em design perpassa por reconhecer a possível fixação em um determinado repertório – ou quadro de referencias - e permitir-se experimentar novos padrões a partir de métodos estruturados para atingir determinada meta (Drost, Cross, 2001; Cross, 2006). Essa expansão também pode ser realizada a partir da reflexão sobre as esferas de pertença da representação de Jodelet (2009).

De forma similar, Kent e Steward (2023) defendem que a experimentação sistematizada e a delimitação de uma estrutura são relevantes para o processo criativo por o organizam de forma direcionada, permitindo que o designer concentre sua energia no desenvolvimento da solução. A autora enfatiza que organizar o problema e definir parâmetros concretos atuam como um guia para a experimentação, nos permitindo ampliar o repertório e orientando as escolhas ao longo do processo (Kent; Steward, 2023).

Assim, “a forma não deve ser entendida como um desfoque do conteúdo, mas um modo de estruturar a realidade, tornando a atividade do designer um processo ativo de en-formar o mundo” (Souza et al, 2016, p.2). Nosso interesse em investigar a relação entre o designer, seu repertório e suas escolhas representacionais está, precisamente, na reflexão consciente sobre as limitações de nossos quadros de referencias e de caminhos para ampliação desse quadro a partir da experimentação, diálogo e escuta.

### 3 Metodologia

Relembramos que este artigo busca discutir as observações realizadas em um exercício realizado em um grupo focal com o tema menstruação. O grupo contou com a participação de quatro mulheres na faixa etária de 20 a 40 anos. Três delas, pós-graduandas em Design na PUC-Rio e uma estudante do último semestre de graduação em design, também na PUC-Rio. A fim preservar seu anonimato e exposição, elas serão referidas neste relatório como participante 1 (P1), participante 2 (P2), participante 3 (P3) e participante 4 (P4). Buscamos manter um grupo focal pequeno para entendermos melhor os repertórios e percepções de cada participante e para que todas se sentissem confortáveis em compartilhar suas experiências (Souza, 2009).

As três atividades propostas foram adaptadas do livro *Aprender de Coração* de Corita Kent e Jan Steward (2023), que apresenta práticas experimentais aplicadas por Kent (2023) quando professora no departamento de artes na Immaculate Heart College. A organização dos 8 capítulos do livro delimitou a estrutura para os exercícios propostos no experimento: o primeiro focado em observar, o segundo no compartilhamento e o último em conectar e criar. O tempo total do exercício foi de aproximadamente duas horas e foi realizado em novembro de 2024. Essa organização, também nos permitiu observar, de forma prática, as esferas de pertença das representações de Jodelet (2009).

Todos os exercícios giravam em torno do tema menstruação e foram adaptados com a finalidade de primeiro, estimular a observação e interpretação individual. Depois, o compartilhamento de experiências e referências e, por último, o desenvolvimento de uma composição visual sobre o tema a partir de tudo que foi realizado anteriormente. Não foi proposto um objetivo produtivo final – como a produção de cartaz, por exemplo – tendo em vista que as práticas de experimentação sem um propósito pré-definido são importantes para estimular a criatividade e a reflexão sobre seu repertório de forma livre, conforme proposto por Munari (2024) e Corita Kent (2023).

Após a realização dos exercícios, realizamos a análise de conteúdo a partir dos documentos produzidos e das gravações das interações do grupo. A partir do estudo deste material, procuramos categorizar seu conteúdo em:

- 1) percepções coletivas – percepções comuns a todas as participantes, seja concordando ou discordando, mas presente na realidade e vivência de todas;
- 2) percepções pessoais - experiências individuais, experimentadas ou percebidas apenas por uma participante dentro do grupo.

Assim, conseguiríamos ter uma melhor perspectiva sobre quadros de referências (FR) subjetivos e quais são os quadros de referências compartilhados – transobjetivos e intersubjetivos - entre elas (Jodelet, 2009). Sobre o uso de Inteligência Artificial para a elaboração do artigo, utilizamos para formatação das referências no modelo ABNT, revisão de ortografia e erros de digitação.

## 4 Resultados

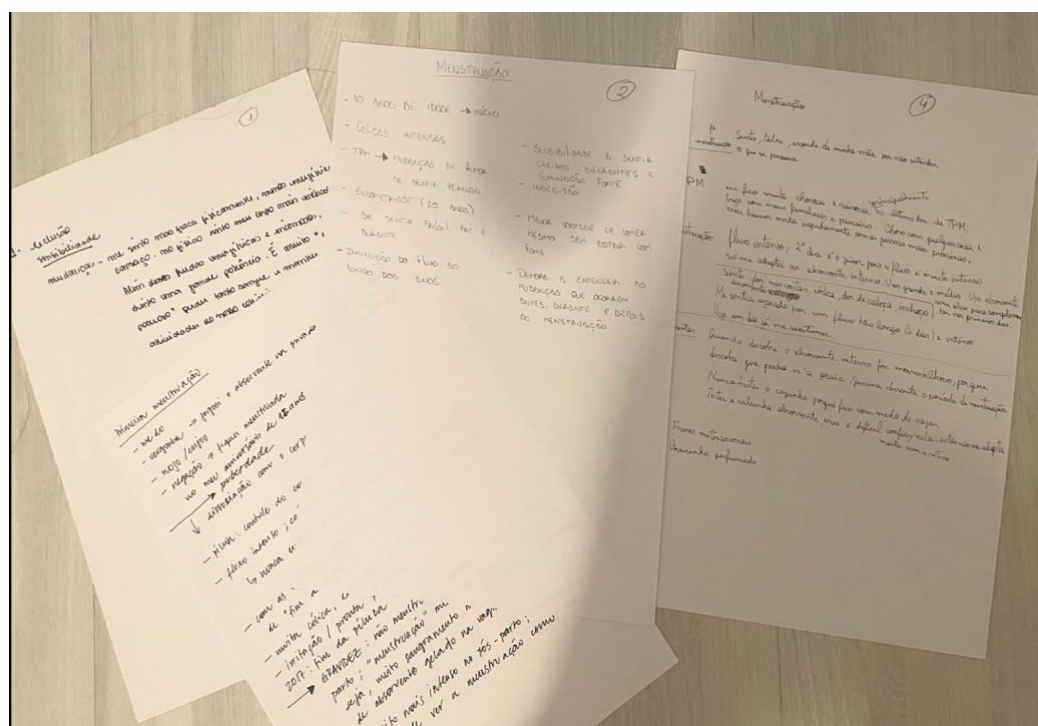
### Exercício 1 - Observar

Exercício original do livro *Aprender de Coração* – “Durante dez minutos por dia, observe uma planta que seja nativa de sua região. Escreva sobre essa planta por quinze minutos diários, descrevendo não apenas detalhes visuais, mas a sensação, a fragrância e o som produzido pelo contato do vento com a planta” (Kent, Steward, 2023)

Exercício proposto – “Durante dez minutos, escreva sobre menstruação, descrevendo não apenas detalhes visuais, mas sensações físicas, emocionais, etc. Se quiser, faça desenhos. Coloque no papel tudo o que tenha vontade”.

Este exercício buscava estimular a reflexão individual sobre suas vivências com a menstruação, a fim de observarmos, principalmente, percepções subjetivas (Jodelet, 2009). As participantes, durante dez minutos, escreverem essas reflexões em um papel, conforme figura abaixo.

Figura 1 – Reflexões individuais realizadas no exercício 1



A partir da análise do conteúdo, conseguimos observar algumas percepções em comum entre elas, que podem indicar um “repertório coletivo”, pertencente à esfera transubjetiva (Jodelet, 2009), sobre o tema. As principais percepções em comum foram:

- Primeira menstruação: Todas as participantes citaram a menarca, relacionando sentimentos que surgiram com ela, como a vergonha.

- Sensações físicas e emocionais: Os relatos destacaram sintomas como dores, cansaço, alterações de humor, sensibilidade e como eles impactam a rotina durante o período menstrual.
- O fluxo menstrual: As participantes escreveram sobre seus fluxos e suas características, como a intensidade, duração e mudanças que acontecem ao longo da vida.

Além das percepções em comum identificadas, algumas participantes trouxeram relatos pessoais. Essas perspectivas destacam o aspecto subjetivo do exercício proposto e que atravessa os processos de representação:

- Participante 1: Em contraste com os outros relatos, a participante 1 afirmou achar "forte/poderoso" conseguir manter sua rotina durante o período menstrual, abordando uma perspectiva diferente para o grupo.
- Participante 2: A participante 2 destacou sensações físicas e emocionais durante a menstruação, como a sensibilidade com cheiros, mudanças de humor e fome. Ela também abordou a endometriose e a mudança e diminuição do fluxo ao longo dos anos.
- Participante 3: Enfatizou o fluxo, comentando sobre ele em diferentes fases da vida: na puberdade, com o uso de pílula, na gravidez e pós-parto. Por ser a única participante que passou pela gravidez no grupo, esta vivência se destacou, relatando as variações vividas neste período: primeiro, a ausência de menstruação, depois um sangramento intenso pós-parto e a mudança em seus fluxos após a gravidez.
- Participante 4: A participante 4 enfatizou as sensações experienciadas na TPM e mencionou os produtos menstruais utilizando o termo "ferramentas". Ela afirmou enxergá-los como ferramentas porque experimentou diferentes alternativas a fim de encontrar o mais confortável.

## Exercício 2 - Compartilhar

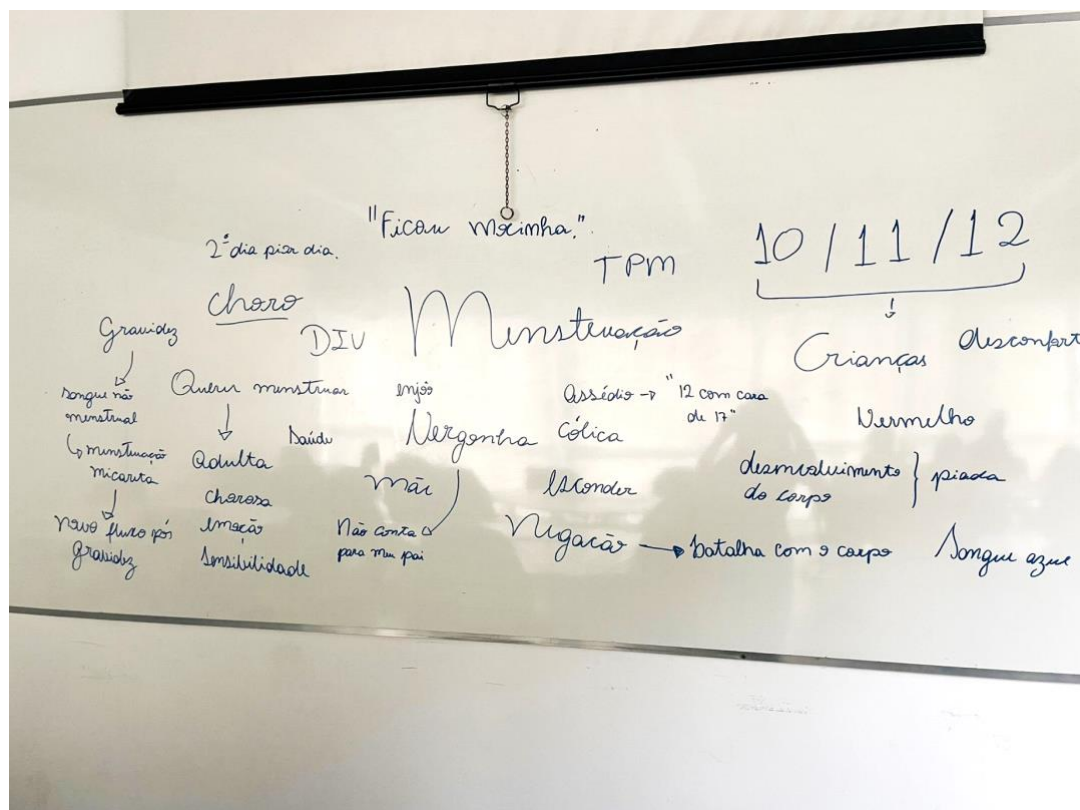
Exercício original do livro Aprender de Coração – “Brainstorming - A elaboração de listas é um dispositivo muito útil para o brainstorming individual ou em grupo. Não se censure; aceite todas as ideias, mesmo que elas pareçam irrelevantes ou repetitivas. Você se aprofundará e terá mais liberdade, e o resultado será um conjunto mais interessante e amplo de ideias” (Kent, Steward; 2023, p. 66)

Exercício proposto no experimento – “Compartilhe o que escreveu para elaborarmos uma lista com ideias e vivências sobre a menstruação”.

Neste exercício, nosso objetivo era observar a esfera intersubjetiva (Jodelet, 2009). Apesar da intenção inicial ter sido o desenvolvimento de uma lista, este exercício tornou-se um momento voltado para o compartilhamento de experiências. Os assuntos que surgiam ao longo da conversa foram registrados no quadro, para que todas as participantes acompanhassem e tivéssemos um registro desse compartilhamento. Alguns assuntos discutidos nessa atividade

também apareceram no exercício 1, mas percebemos que, quando abordados coletivamente, foram debatidos com maior aprofundamento. Os principais assuntos discutidos foram:

Figura 2 – Quadro gerado no exercício 2



- Mudanças no fluxo ao longo da vida: O fluxo menstrual gerou interesse entre as participantes, que compartilharam relatos sobre como suas características se modificaram com os anos e compararam suas experiências.
- Primeira menstruação, vergonha e adultização do corpo: O sentimento de vergonha foi mútuo no grupo, principalmente atrelado à primeira menstruação. As participantes concluíram que essa vergonha provém de pressões sociais e comportamentais, das mudanças no corpo e da adultização repentina. Elas mencionaram como, a partir da menstruação, seus corpos foram alvos de piadas e de assédios, evidenciando o processo de adultização precoce, uma vez que a maioria das participantes menstruou entre 10 e 12 anos de idade.
- Métodos contraceptivos: Contraceptivos como DIU e pílula anticoncepcional geraram debates sobre seus efeitos na menstruação e na saúde da mulher, como em casos de endometriose e TPM. As opiniões sobre os métodos divergiam, ressaltando as subjetividades. Contudo, era visível a coexistência de, ao mesmo tempo, uma curiosidade coletiva sobre os diferentes métodos usados no grupo e também uma

preocupação com o efeito dos contraceptivos, que vendem a promessa de uma suposta "normalização" dos sintomas (Federici, 2023).

- **Produtividade:** Uma última discussão abordada pelo grupo foi sobre a expectativa de produtividade durante a menstruação, mesmo com desconfortos físicos e emocionais. Relataram que não se pressionam durante o período e se dedicaram às atividades que se sentem confortáveis, que varia: a participante 1, por exemplo, se sente confortável em praticar exercícios, enquanto as participantes 2 e a 4, não.

### Exercício 3 – Conectar e criar

Exercício original do livro Aprender de Coração – “Digite algumas breves passagens da Bíblia, do Alcorão, do Bhagavad Gita, dos Sutas Zen e mitologias indígenas do continente americano. Quando terminar, corte o excesso de papel. Recorte manchetes e artigos do jornal. Cole as palavras digitadas e os recortes de jornal em um pedaço de papel ou papelão. Primeiro cole um conjunto de palavras digitadas, depois um recorte de jornal, até que você tenha usado todos os materiais. Leia o que você juntou e observe os novos significados, conexões e relações que emergem entre os dois tipos de palavras” (Kent, Steward; 2023, p. 117).

No terceiro e último exercício as participantes foram convidadas a desenvolverem uma composição visual a partir dos exercícios anteriores. Antes de iniciarem o exercício, foram exibidas imagens de propagandas de produtos menstruais, proporcionando um panorama de representações e estereótipos para discussão. Apesar da variedade de materiais disponíveis, todas as participantes utilizaram folhas brancas A4 e priorizaram a técnica de colagem a partir de recortes de revistas. As revistas disponibilizadas tinham temáticas variadas, como ciência (maioria), carros, paisagismo etc. O tempo de execução não foi delimitado, permitindo que cada uma desenvolvesse sua composição no próprio ritmo.

Figura 3 – Composição desenvolvida pela Participante 1 (P1)

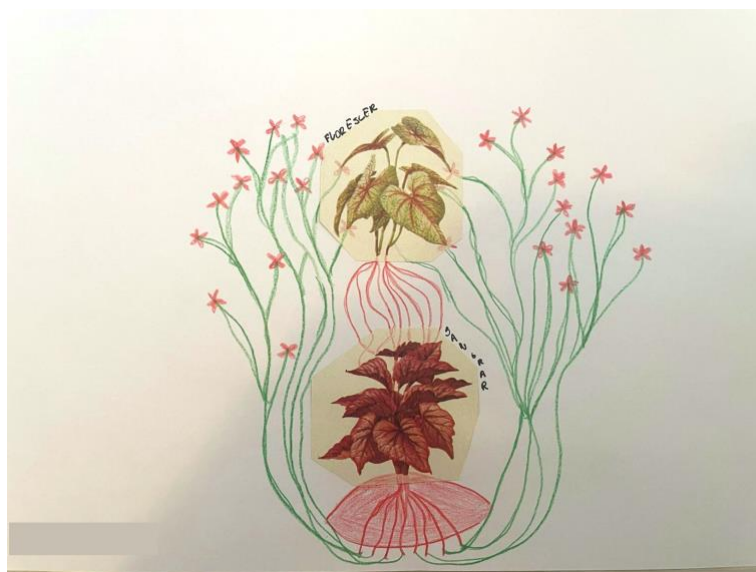


Figura 4 – Composição desenvolvida pela Participante 2 (P2)



Figura 5 – Composição desenvolvida pela Participante 3 (P3)



Figura 6 - Composição desenvolvida pela Participante 4 (P4)



A análise das produções revelou algumas representações de caráter transubjetivo, comum entre as participantes, como:

- O fluxo menstrual: Representações do sangue, a partir principalmente da cor vermelha e abstrações, como fluxos.
- Ciclos: A ideia de repetição e fases do ciclo. Alguns dos elementos utilizados foram: P1 - ideia das raízes cíclicas, que nascem e morrem; para P2 – borboletas representando fases da vida e do ciclo; P3 - o uso de formas circulares; P4 - a lua.
- Emoções: A representação das emoções e sensações que aparecem durante a menstruação também foram representadas, principalmente pelas participantes 2 e 4, que ilustraram a fome, (p2, com panda comendo), a raiva (p2 - pássaros e p3 com olhar e explosão vulcânica), o choro (p3, lágrimas vermelhas). Três das 4 participantes (2, 3 e 4) utilizaram explosões cósmicas para representar a explosão de sentimentos e sensações do período.

Além desses elementos, destacamos algumas correlações que realizamos entre as composições visuais de cada participante com os conteúdos e falas destacados por elas nos exercícios anteriores, que podem indicar o motivo de determinadas escolhas representacionais:

- Participante 1: Afirmou que desejou criar uma composição que representasse o ciclo menstrual e a sensação de renovação gerada por ele, que promoviam “uma sensação de morte e depois de renascer com o final do ciclo” (participante 1). Junto, escreveu as palavras “sangrar” e “florescer”, que aparentam se conectar à sensação de potência escrita por ela no primeiro exercício.
- Participante 2: A participante 2 afirmou que quis representar as sensações que sente durante a menstruação, como a fome (panda), a raiva (pássaros) e a explosão de sentimentos. A figura das borboletas simbolizava “as transformações do ciclo menstrual ao longo da vida” (participante 3), que aparenta ser um aspecto da menstruação particularmente importante para ela, mencionado nos 3 exercícios.
- Participante 3: Desenvolveu uma imagem mais abstrata, enfatizando o “sangue que jorra”, associado à sua experiência com o sangramento pós-parto e às discussões levantadas sobre diferentes fluxos e usos de contraceptivos. Relacionou sua composição a um trecho retirado de uma revista científica, que dizia “A gravidade curva os raios de luz em torno de um aparente buraco negro no centro da galáxia” (autoria desconhecida).
- Participantes 4: Afirmou utilizar a figura de lágrimas vermelhas para representar o choro no perídio menstrual e, em outra folha, realizou uma ilustração inspirada em uma das propagandas exibidas, com uma menina chorando no colo da mãe. A participante relacionou a ilustração ao sentimento de vergonha debatido entre as participantes no exercício 2.

## 5 Considerações finais

O objetivo do exercício relatado neste artigo era ser uma atividade reflexiva voltada para o percurso formativo de alunos de design a partir da observação da relação entre o designer, seu repertório e suas escolhas representacionais. Como um primeiro contato com o objetivo de pesquisa de mestrado, nossa intenção era entender como as esferas de representação (Jodelet, 2009) e os quadros de referência do designer (Cross, 2006) podem ser trabalhados em contextos de ensino, a fim promover um debate sobre o papel do repertório no processo de aprendizagem no design.

Não há dúvidas de que as formas de representação desenvolvidas por designers são atravessadas por perspectivas tanto culturais e coletivas quanto subjetivas (Cross, 2006; Jodelet, 2009; Souza et al., 2016; Kent, Steward, 2023). A partir do exercício, conseguimos observar interações significativas dessas perspectivas, à luz de um tema frequentemente mal representado. A atividade demonstrou que os repertórios mobilizados pelas participantes transitaram pelas diferentes esferas de pertença (Jodelet, 2009): subjetiva (memórias pessoais

e sensações físicas), intersubjetiva (pelas trocas diretas no grupo e conclusões conjuntas) e transubjetiva (valores culturais e discursos internalizados, assim como representações simbólicas, como vermelho e os ciclos).

Percebemos maior conexão entre o último e o primeiro exercício, cujo objetivo era observar e refletir sobre o tema individualmente, a partir da escrita em um papel. As escolhas representacionais nas composições pareceram estar alinhadas com as perspectivas enfatizadas pelas participantes no primeiro exercício e com os elementos que destacaram ao longo de todo o grupo focal. Apesar de nosso objetivo não ser realizar uma análise iconográfica das representações da menstruação, consideramos que as escolhas das participantes extrapolaram estereótipos e formas corriqueiras de representar esse tema.

Assim, destacamos a relevância de práticas que promovam a auto-observação para construção do repertório, que estimulem o estudante a perceber a “bagagem” que carrega para a graduação e como suas referências são relevantes tanto para a construção de uma linguagem própria, quanto para o desenvolvimento do seu repertório. Essa constatação reforça a noção de Cross (2006) sobre a consciência sobre o próprio quadro de referências e “rompimento” dele como ferramenta para a experimentação durante o processo de formação (Cross, 2006).

Esperamos, portanto, que este exercício contribua para a elaboração de práticas pedagógicas que incentivem o reconhecimento dos repertórios subjetivos, suas potências e limitações e a abertura para novas conexões simbólicas, além da compreensão de seus desdobramentos representacionais. A aprendizagem exige intencionalidade para transgredir convenções (hooks, 2024). No contexto do design, isso implica considerar o repertório não apenas como acervo acumulado, mas como campo em constante construção.

## Referências

- Cardoso, Rafael. Design para um mundo complexo. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- Cross, Nigel. Designerly Ways of Knowing. London: Springer-Verlag, 2006.
- Dorst, Kees; Cross, Nigel. Creativity in the design process: co-evolution of problem–solution. *Design Studies*, v. 22, n. 5, p. 425-437, 2001.
- Federici, Silvia. Além da pele. São Paulo: Elefante, 2023.
- Hall, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Editora Puc-rio, 2016.
- hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2024.
- Instituto nacional de estudos e pesquisas educacionais Anísio Teixeira (INEP). A redação no Enem 2024: cartilha do participante. Brasília: Inep, 2024. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes\\_e\\_exames\\_da\\_educacao\\_basica/a\\_redacao\\_no\\_enem\\_2024\\_cartilha\\_do\\_participante.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/a_redacao_no_enem_2024_cartilha_do_participante.pdf). Acesso em: 21 abr. 2025.
- JODELET, Denise. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações

- sociais. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 24, n. 3, p.679–712, set./dez. 2009.
- JODELET, Denise. *Representações sociais e mundos de vida*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Curitiba: PUCPress, 2017.
- Kent, Corita; Steward, Jan. *Aprender de coração: práticas para libertar o espírito criativo*. São Paulo: Clube do livro do design, 2023.
- Munari, Bruno. *Das coisas nascem coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- Munari, Bruno. *Design como arte*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2024.
- Munari, Bruno. *Design e comunicação visual*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- Munari, Bruno. *Fantasia*. Lisboa: edições 70, 2018.
- Pinho, Bianca Simões; Tayt-son, Débora Bogéa da Costa. Mercado em ciclos: um estudo sobre mulheres, menstruação e produtos ecológicos. *Revista FSA*, Teresina, v. 20, n. 7, art. 1, p. 3-26, jul. 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12819/2023.20.7.1>. Acesso em: [data de acesso].
- Souza, Eduardo a. Et al. Alternativas epistemológicas para o design da informação: a forma enquanto conteúdo. *Revista brasileira de design da informação*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 107-118, 2016. Disponível em: <<https://www.infodesign.org.br/infodesign/article/view/480/284>>. Acesso em: 07 de janeiro 2025.
- Souza, Elaine Ferreira. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis: revista de saúde coletiva*, rio de janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. Disponível em

### **Sobre o(a/s) autor(a/es)**

Bianca Simões Pinho, Mestranda, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil  
<[biancasimoespinho@gmail.com](mailto:biancasimoespinho@gmail.com)>

Roberta Portas, Dra., Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil  
<[robertaportas@puc-rio.br](mailto:robertaportas@puc-rio.br)>